

Entre fronteiras: cidade e cultura na obra “Chão do Apa – contos e memórias da fronteira de Brígido Ibanhes

ROSE PRADO¹

Resumo: Este trabalho tem por objetivo refletir sobre o lugar de fronteira entre as cidades de Bella Vista/PY e Bela Vista/BR na obra "*Chão do Apa – contos e memórias da fronteira*" de Brígido Ibanhes. O autor constrói uma representação do momento histórico enquanto influência na criação literária por meio de suas reminiscências deixando entrever uma interpretação da História. Ou seja, ele constrói uma espécie de informações históricas no tecido textual da obra ao representar as cidades aqui mencionadas e suas culturas. Desta forma, à luz de uma análise teórica dedicada ao assunto supõe-se que os contos e as memórias por ele descritos permite-nos, visualizar um intenso diálogo entre as cidades de fronteira que compõe seus escritos.

PALAVRAS-CHAVE: Fronteira. História. Literatura. Cidade. Cultura.

Chão do Apa – entre contos e memórias foi publicado por Brígido Ibanhes, autor sul-mato-grossense, sendo este até o presente momento sua última publicação.

O enredo gira em torno das reminiscências do autor que transpõe para o narrador/personagem contos e memórias que tem como cenário as cidades de Bella Vista/PY e Bela Vista/BR demarcadas pela fronteira do Rio Apa, entre Brasil e Paraguai. E, numa construção histórico-literária o autor traça representações que parecem retomar a história brasileira quando narra dentre seus escritos, alguns fragmentos da Guerra do Paraguai e da cultura deste país. Neste trabalho tem-se por objetivo focar as cidades e culturas descritas na obra em análise dentro desta construção histórico-literária.

De forma introdutória vale aqui pincelar que o termo “representação” tão presente na escrita do autor, é conceituado de acordo com o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa,

¹ Rosana de Oliveira Prado dos Santos. *Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD. Doutoranda em História e Bolsista CAPES.

como sendo: "conteúdo concreto apreendido pelos sentidos, pela imaginação, pela memória ou pelo pensamento". Sendo, portanto, de grande relevância para o desenvolvimento dos Estudos Culturais, Históricos e Literários. Neste sentido, Roger Chartier (1990), conceituando a representação em sua obra *História Cultural: entre práticas e Representações*, afirma que os historiadores nas décadas de 1950 e 1960 acreditavam que o saber inerente à história devia sobressair à narrativa, enfatizando ainda que o mundo da narrativa era o mundo da ficção, do imaginário, da fábula. Ele esclarece também que o papel das representações na História Cultural é importante para "[...] identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler" (CHARTIER, 1990 p.17). Embora essa afirmação de Chartier seja relativa à sua pesquisa acerca da História do livro e da leitura, ela colabora para compreendermos esse diálogo fronteiriço na escrita de Brígido Ibanhes que abarca a cidade e a cultura, nesse caso a do sujeito híbrido que vive ora no Brasil, ora no Paraguai conforme os relatos do narrador na obra em foco.

A historiadora Sandra Pesavento (1995), em seu trabalho sobre a relação entre História e Literatura, aborda que, embora haja diferentes objetivos na construção da identidade, tanto a História quanto a Literatura apresentam o mundo social como "representação" e preceitua:

A ficção não seria o avesso do real, mas uma outra forma de captá-la, onde os limites da criação e fantasia são mais amplos do que aqueles permitidos ao historiador [...]. Para o historiador a literatura continua a ser um documento ou fonte, mas o que há para ler nela é a representação que ela comporta [...] o que nela resgata é a reapresentação do mundo que comporta a forma narrativa (PESAVENTO, 1995, p.117).

Seguindo esta linha de pensamento, entende-se que o texto literário pode servir como uma "representação" que retrata a sociedade de uma época por meio do seu contexto: a descrição dos personagens, a forma como os mesmos se comportam, o local descrito, sua cultura e, por fim, a estrutura em que o enredo é construído.

Pensando na fronteira imaginária entre História e Literatura, podemos compreendê-la, segundo Carvalhal (2003, p.154) como —um espaço de divisa e de delimitações que demarca diferenças, afirma identidades e origina necessidades de representação tendo em vista, que para ela, “o significado de fronteira —é sempre reescrito em função do contexto

histórico e das especificidades das formações sociais em que se desenvolve” (CARVALHAL, 2003, p. 155).

De acordo com Zulma Palermo, em seu artigo — *De Fronteras, Travesías y Otras Liminalidades*, a fronteira é um espaço que delimita e estabelece contradições entre o material e o simbólico, existindo uma circulação e uma produção de bens culturais. Conforme ela define:

A noção de fronteira e o valor político de “fronteira” se reinstala uma vez mais plena convicção de contradições, pois enquanto para as sociedades subalternas do sistema se impõem um modelo transnacional, a hegemonia – exaltando ao máximo sua condição etnocêntrica – levanta cada vez mais fortalezas materiais e simbólicas como auto protetores de seu próprio espaço. No entanto o discurso circulante (político e mediático) impõe a imagem de um mundo único, global e aberto a competitividade e ao consumo que igualaria a todos os habitantes do planeta, o discurso teórico romantiza as velhas categorias deste universo (nação, identidade, fronteira, soberania) e propõe também a dissolução das fronteiras disciplinares próprias (PALERMO, 2004, p. 240 – *tradução minha*²).

Seguindo esta linha de raciocínio, a autora também enfatiza a ideia de fronteira como separação, limite e barreira, como sendo uma “passagem” que tem relação entre elementos diferentes, ou seja, no sentido de “ponte” que coloca em simetria as culturas periféricas e deste modo atuam em formas distintas de contato e não apenas em sua forma dependente.

Conforme Hyden White, o público de leitores tanto da história quanto de romances não se vê surpreendido com as semelhanças entre eles, pois “há muitas histórias que poderiam passar por romances e muitos romances que poderiam passar por histórias” (WHITE, 2001, p.137). Com base nesse pensamento, podemos lançar um olhar à Literatura e à História para melhor compreendermos tanto um quanto o outro, pois, segundo White, não podemos distingui-los com facilidade, a menos que abordemos as concepções sobre os tipos de verdade de que cada um supostamente se ocupa.

² La noción de frontera y el valor político de —fronteral se reinstala una vez más plena de contracciones pues, mientras para las sociedades subalternas del sistema se impone un modelo transnacional, la hegemonía – exaltando al máximo su condición etnocéntrica – levanta cada vez más fortalezas materiales y simbólicas como límites autoprotectores de su propio espacio. En tanto el discurso circulante (político y mediático) impone la imagen de un mundo único, global y abierto a la competitividad y el consumo que igualaría a todos los habitantes del planeta, el discurso teórico resemantiza las viejas categorías de este universo (nación, identidad, frontera, soberanía) y propone también la dilución de las fronteras disciplinares propia (PALERMO, 2004, p. 240).

Tendo exposto uma pequena noção de representação e fronteira no que se refere à História e a Literatura, passamos, então, à uma análise sobre cidade e cultura, buscando refletir o momento histórico enquanto influência na criação literária do autor ao representar as cidades de Bella Vista/PY e Bela Vista/BR como cenários do seu enredo.

Raymond Williams (1990), em seu livro “*O campo e a cidade: na história e na literatura*”, afirma que “campo” e “cidade” são palavras poderosas dado ao valor que elas representam na vivência das comunidades humanas. Para ele, a ligação existente entre a terra que nós extraímos, direta ou indiretamente a nossa subsistência e as realizações das sociedades humanas são evidentes. Williams entende ainda que uma dessas realizações são as grandes cidades, as capitais, que é uma forma distinta de civilização. Mas é enfático ao abordar o contraste entre campo e cidade quando afirma que o contraste entre eles “é, de modo claro, uma das principais maneiras de adquirirmos consciência de uma parte central de nossa consciência de uma parte central de nossa experiência e das crises de nossa cidade” (WILLIAMS, 1990, p. 387). Ainda no dizer do teórico “O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtude simples. À cidade associou-se à ideia de centro de realizações – de saber, comunicações [...] (WILLIAMS, 1990, p. 11). Para ele a forma de vida no campo envolve as mais diversas práticas, tais como a caça, os fazendeiros e sua organização varia do camponês ao pequeno arrendatário ou aos latifundiários, agroindústrias capitalistas e fazendas estatais.

Ao lançar um olhar na obra em estudo identificamos a representação de duas cidades em países distintos, mas que contam com um narrador/personagem que vive o trânsito entre elas vivenciando suas especificidades e culturas em zona de fronteira. Neste caso, a obra trata de cidades interioranas com aspectos campestinos ou rurais localizadas nos dois países. Cada qual com suas particularidades e culturas vão demonstrar ora o contraste entre ambas, ora suas similaridades. Abaixo seguem alguns fragmentos da representação destas cidades fronteiriças na obra de Brígido Ibanhes:

Do outro lado do rio é o Brasil.

Foi no colo da minha *mamá* que, aos dois anos, numa noite quieta, amena e enluarada, que pela primeira vez prestei atenção ao nome Brasil. O Apa separa, naquela região, dois países, duas cidades: Bella Vista, Paraguai e Bela Vista, Brasil, até hoje, quando a coirmã paraguaia se chama Bella Vista Norte, pois deve existir

outra homônima ao sul. Na margem brasileira, perto do rio, localizava-se um bairro pobre com vários cabarés e casas de prostitutas (IBANHES, 2010, p.29)

Bella Vista, Paraguai.

Pequenina cidade do norte do país, perdida no meio do luxuriante cerrado, às margens do rio Apa. “*O Apa, cor de folha, mostra seus seixos tolados no fundo. Verdadeiro e formoso, como Taunay o tratou*” – registra o letrado e andarilho escrito mineiro Guimarães Rosa.

[...] Poucas casas, poucos habitantes.

As moradas, na grande maioria, de taipa, cobertas com *capi’í san-juan*³, capim sapé. Os macilhos de capim, apregados com barro vermelho e sobrepostos uns aos outros, formam uma fresca cobertura contra o calor.

Poucas casas de alvenaria, que ostentam grossas paredes e fachadas construídas aos moldes do tempo imediato à Grande Guerra. Antigamente nelas moravam as autoridades, financiavam as repartições públicas e, em alguns, residiam os ricos comerciantes, como *carai*⁴ Benitez Real, *carai* Arrua, *carai* Bochita e outros.

[...] Muitas casas eram de tábuas, e junto com as de taipa, se espalhavam por meio das matas, de um lado, até *Huguá*⁵ (bairro do cafundó), e pelos arredores do centro, até as proximidades do antigo campo de aviação, que, naqueles tempos, parecia sem fim, e que hoje abriga um campo de futebol, o Estádio do Boquerón (IBANHES, 2010, p. 23, 24).

Nos excertos acima podemos destacar alguns pontos relevantes na escrita do autor em que se sobressai as representações da cidade e do campo com suas características distintas. Dentre elas, o destaque do narrador quando afirma que a Bella Vista/Py é uma cidade no campo, às margens do rio Apa com “poucas casas e poucos habitantes”. Ou seja, não tem características de cidade grande ou grandes capitais ou mesmo uma zona urbana, mas reflete a vida pacata no campo e suas dificuldades. Estas, são explicitadas no material em que as casas foram construídas e cobertas com capim sapé – material rústico e típico de construções camponesas. Outro ponto a ser destacado no fragmento acima é a construção de casas de alvenaria que era restrita as autoridades como o prefeito, o médico, os padres – a própria construção da Casa Paroquial era feita de alvenaria. Neste sentido, há também a descrição dada pelo autor que descreve:

O médico, Guilherme Ocariz, residia no mais luxuoso, um sobrado cor de rosa. Todos os meninos sonhavam um dia subir-lhe pela escadaria e do balcão olhar para o povo e a paisagem lá embaixo.

[...] A igreja, a Casa Paroquial, o colégio das freiras e o convento foram construídos num alto sobranceiro de uma colina, com fileira de ciprestes à margem das cercas, e

³ *capi’í san-juan* – capim sapé.

⁴ *Carai* - senhor

⁵ *Huguá* - bairro do cafundó

em cuja encosta se estendia morro abaixo como um tapete arquitetônico de boas-vindas a todos (IBANHES, 2010, p. 24).

O contraste estabelecido entre ambas as cidades se dá não somente na construção e arquitetura entre elas, mas também em suas práticas culturais. Lançando uma breve reflexão na temática da cidade e da moradia Carpintéro & Cerasóli (2009, p.98) enfatizam que “identidade, cidadania, memória, cultura política, poder, ou mesmo território” servem como “palco das ações, como lugar das intervenções, como espaço para o poder”, sobretudo quando a ênfase recai nos aspectos sociais, seja nas sociabilidades, nos movimentos sociais, nas relações sociais e nas de trabalho. Ainda neste viés, os estudiosos abordam as paisagens sociais refletindo enquanto análise a história local e regional, que muitas vezes é entendida como uma história urbana. Segundo eles, mesmo a laureada história cultural, ao priorizar essencialmente a cidade como representação, em termos gerais, “acaba por separar o urbano de sua materialidade, inclusive no âmbito das diferenças, divergências e disputas constituintes da cidade, simbólica e materialmente” (p. 98).

Ainda em destaque no que se refere à estrutura arquitetônica da cidade, Ibanhes descreve a Bella Vista/Py como uma cidade campesina, pacata e palco de uma vida simples e destituída das suntuosidades das grandes capitais com seus acontecimentos políticos e econômicos na vida em sociedade. Vejamos como o narrador nos apresenta a cidade paraguaia:

Foi nessa pequenina cidade, Bella Vista, na Rua Jatayty Corá, que em meio ao tiroteio da Revolução Paraguaia de 1947, no dia 08 de outubro, nasceu este contador de estórias [...] Nas ruas largas e cobertas por grama, pastavam vacas, cavalos e ovelhas, com a mesma pachorra da vida da campanha. Aqui e ali muita bosta seca de vaca, mas ninguém se importava com isso. Às vezes aparecia alguém com saco de lona, enchia-o com algumas tortas, que serviam de adubo nas hortas; com outras, a gurizada fazia guerra... (IBANHES, 2010, p. 25).

Ao olharmos para a paisagem pintada em palavras pelo narrador acima, Williams entende que certas imagens e associações na vida rural tem diversos significados em termos de sentimentos e atividades: no espaço e no tempo. E, para ele, essa vida campestre tem seus próprios significados “tanto em si próprios quanto em relação à outros” (WILLIAMS, 1990, p. 14,15).

Ainda pensando nas narrativas de Ibanhes voltamo-nos ao que ele descreve enquanto práticas culturais na cidade de Bella Vista/Py:

Lá pelas nove tomava-se o tererê.
Momento sagrado de confraternização.
Hora de reordenar as atividades do dia; de se analisar os sonhos e dos desabafos.
Ao meio dia parava de vez.
O comércio fechava as portas.
Os meninos e homens desciam montados nos cavalos, para o banho nos “passos”, passagens, do Apa. Tomava-se banho pelado mesmo, sem nenhum constrangimento, observado de longe, nas pedras, pelas lavadeiras, que desde o amanhecer executavam sua tarefa num bate-papo de pano ensaboado nas pedras. Banhava-se o cavalo primeiro, com sabão, e depois de fazê-lo nadar um pouco, era preso pelo buçal à sombra fresca. O sujeito então, balangando as virilidades, corria em direção da água, soltando gritos de animação, e pulava de *punta carajá*⁶, de ponta, para dentro do remanso (IBANHES, 2010, p. 26).

Neste aspecto, Déa Ribeiro Fenelon (1999, p. 7) ao refletir sobre “cultura e cidade” clareia-nos o entendimento quando afirma que a cidade é “memoria organizada e construção convencional, natureza e cultura, público e privado, passado e futuro”. E, neste sentido o que compõe a cidade, seja ela campesina ou urbana são suas características históricas, seus personagens da trama real da vida, os cenários que a estabelece e suas práticas culturais que propõem o modo de vida e as memórias do seu povo. Quanto isso, Brígido Ibanhes faz um traçado em seus contos trazendo por meio do narrador os detalhes da cidade de Bella Vista/Py e posteriormente de Bela Vista/Br com riquezas de detalhes culturais, dentre eles suas festas populares conforme descrito a seguir:

Realizavam-se muitas festas populares.
A procissão do Cristo Rei, quando os homens, alguns angalanados com bombachas e outros de *chiripá*⁷, botas lustradas e lenços vistosos, montados em cavalos com *aperos*⁸, selas, trabalhados com prata e ouro, formavam duas longas áreas, que seguiam, rezando e cantando, a procissão. Os fogos de artifício anunciavam o avanço do estandarte com o santo.
A festa da padroeira Nossa Senhora Auxiliadora.
Vinha gente do interior da campanha, de muito longe, vinham uns a pé, outros a cavalo, carregando suas matutas e sua fé. Os padres promoviam farto e concorrido

⁶ *punta carajá* - de ponta, de cabeça.

⁷ *Chiripa* – botas.

⁸ *Aperos* - selas

churrasco, com *chipá*⁹ e mandioca amarelinha [...] Depois do churrasco, o alto da festa era sempre as carreiradas.

No dia da Pátria, fazia-se religiosamente o desfile dos colégios e dos cavaleiros, ao som marcado do tambor. A maioria crianças desfilava com os pés descalços; o importante era o grande amor à pátria, a orgulhosa nação guarani. Era com empatia que se carregava sobre o peito o pedacinho de fita com as cores vermelha, branca e azul, da bandeira; uma medalha presa à fita representava o leão coroadado, que a gurizada acrescentava “*revípe votô*¹⁰...”. Gozação que diz que o leão está com um botão no “fiofó”...

[...] A festa de São João, com os *campá reangá*¹¹, traduzido como “figuras dos negros”, e que eram adultos cobertos com lençol e que estampavam uma máscara horrenda. [...] A missa do Galo, na época do natal era imperdível (IBANHES, 2010, p. 26 e 27).

Neste trânsito fronteiriço, cruzando apenas o chão do Rio Apa, o narrador por meio de suas reminiscências apresenta-nos a cidade brasileira de Bela Vista neste trânsito e ir e vir cruzando a fronteira conforme constatamos a seguir:

Quando só meu pai morava no Brasil, todos os dias após as aulas matutinas no Paraguai, eu montava em pelo na *Coreana*, uma égua matunga, e lhe levava uma reforçada marmita. As vezes era o *lôcro* – canjica com puchero, matambre cozido e *sopa paraguaia*, ou até um simples *vori-vori*¹².

Escurecia, logo seria noite.

Não pensei duas vezes, me larguei a pé para a nossa casa no Paraguai. Atravessei o Apa no Passo Público, onde os canoieiros atravessavam o pessoal de uma margem à outra. As águas do rio Apa eram tão limpas que eles tinham, dentro das canoas, recipientes de latas vazias de óleo, para que a gente bebesse da água. Era ali, também, no Passo Público, que os padres norte-americanos, ao final do dia, se encontravam; e ficavam conversando em inglês. A gurizada ficava por perto imitando os sons ou curtindo o diálogo dos filhos do Tio Sam.

Mais para baixo do Passo Público ficava o Passo Itá, uma espécie de barragem de pedras, por onde carros, carroças e cavalos cruzavam a fronteira. Acredito que isso era obra do tempo da Retirada da Laguna, na Guerra do Paraguai, por onde passaram canhões e carroções. Muitos contrabandistas caíram presos ali. Era bastante raso e, ali cruzei, tombando nas pedras lisas. Quando pisei em solo paraguaio já era de noite. (IBANHES, 2010, p. 54 e 55).

É de se observar que apesar de viver no Brasil tanto a língua quanto a comida permaneciam sendo as de seu país de origem: “Falava-se nas ruas o guarani, tão doce e onomatopaica, língua nativa do Paraguai e de grande parte do Brasil” (IBANHES, 2010, p.

⁹ Chipá – um tipo de pão de queijo.

¹⁰ *revípe voto* – gozação.

¹¹ *campá reangá*, traduzido como “figuras dos negros”.

¹² Canja de frango caipira com bolinhos de milho moído.

25). E, da mesma forma, o narrador descreve lugares e acontecimentos reais por ocasião da Guerra do Paraguai. Nos faz lembrar de Rafael Samuel que em seu artigo *História local e História Oral* afirma que, “um mero rabisco pode acender a imaginação de um historiador” e que “ele pode ficar animado com uma história de um jornal velho, [...] ou intrigado com a lenda de um incidente mal lembrado, que requer um contexto explicativo (SAMUEL, 1989/1990, P. 219,220). Assim, os escritos de Ibanhes aguçam a imaginação do historiador quando descreve suas reminiscências concernentes a fatos e lugares da Guerra do Paraguai. Samuel enfatiza ainda que “a história local tem também a força popular, tanto como uma atividade quanto como uma forma literária” (p.220) e é o que se pode observar na escritura de Ibanhes que faz com que as pessoas se coloquem para si mesmas questões relacionadas ao local onde os contos e as memórias são narradas, conduzindo o leitor a pensar não somente sobre o local, mas também, em como viveram os personagens da vida real quando passaram pelos locais descritos na obra. Neste viés, vale destacar uma afirmativa de Rafael Samuel:

Nos últimos anos, historiadores locais têm inovado evidências visuais, numa tentativa de tornar mais compreensível o particular, transmitir uma noção do local mais imediata. Uma preocupação dominante tem sido a construção de paisagem e a análise da localização das indústrias, da moradia e do comércio [...].

Na cidade, toda pedra pode contar uma história, enquanto no campo, há o abundante testemunho das cercas viva e campos. Velhos lugares podem ser identificados, sistemas de campos mapeados, traçados de ruas desenhados numa grade (SAMUEL, 1989/1990, p. 224).

Entendemos, portanto, que conforme o estudioso acima o local pode revelar informações, servindo como fonte de análise para o historiador, uma vez que ao se descrever peculiaridades físicas do meio ambiente sua história pode ser exposta mesmo que descrita de forma imaginária pelo escritor que transpõe suas memórias e acontecimentos.

Em suma, quando propomos pensar no assunto: “Entre fronteiras: cidades e culturas” traçando uma singela análise na obra de Brígido Ibanhes “Chão do Apa – contos e memórias da fronteira”, pesou o fato do autor ter nascido em Bella Vista Norte (PY) e ter sido registrado no Distrito de Nunca-Te-Vi, Bela Vista (MS), Brasil. Fato este que, nos remete a um termo muito comum na fronteira Brasil/Paraguai que é o “*brasiguai*”¹³.

¹³ Brasileiros e seus descendentes na fronteira com o Paraguai.

Desta forma, sob a ótica do historiador, observamos que o escritor buscou descrever empiricamente nesta obra a magia das lendas nativas, os contos dos míticos personagens históricos e as memórias de um tempo da sua infância e juventude entre dois países, dois mundos culturais distintos vividos “entre fronteiras”. Conforme descrito pelo próprio autor em seu blog: “*Nasci num país chamado fronteira*”, cabe aqui, então, finalizar esta breve análise com uma citação da fronteira entre Brasil e Paraguai que descreve o rio Apa, rio que intitulou a obra do autor:

O rio Apa, também conhecido como rio feiticeiro era um rio exuberante, margeado por bosques, matas fechadas e árvores encopadas, em cujos galhos o João-de-Barro, aqui e ali, construía seu chalé de barro. A poucos metros abaixo do Passo Público, um frondoso pé de ingá deitava seus galhos, assobreado as águas azuladas e transparentes, habitat natural de pacus, dourados, piraputangas e de outros peixes.

O rio, a cada curva, mudava a fisionomia.

Ora quieto, calmo, como um sábio ancião; ora borbulhante nas pedras brilhantes como uma criança irrequieta, para depois mergulhar faceiro em poços profundos, tal qual o reboiço inquieto das mocinhas namoradeiras. Ora quase estagnado na quietude dos remansos, como os arrieros quietos e perigosos, portadores da morte. O temperamento dos dois povos vizinhos e ribeirinhos era retratado pelo percurso do rio; era a própria alma indômita daquela gente retovada.

Hoje, porém, o rio está moribundo.

Cada vez que o vejo, me dá vontade de chorar minhas lembranças, imaginando talvez, que as lágrimas possam purificar um pouco aquelas águas tão sujas e poluídas. É apenas um lençol preto de luto que se mantém, exalando mau cheiro, no leito sem vida e sem brilho.

Mas, na minha infância o Apa era exuberante.

REFERÊNCIAS

CARPINTÉRO, Marisa Varanda Teixeira e CERASOLI, Josianne Francia. A cidade como história. *História: questões e debates*. Curitiba, UFPR, n° 50, p. 61-101, jan./jun. 2009.

CARVALHAL, Tania Franco. Tradição discursiva na América Latina e a prática comparatista. In: *Literatura Comparada: teoria e prática*. Org.: BITTENCOURT, Gilda. Porto Alegre, Ed.: Sagra, 1996.

CHARTIER, R. *História Cultural: entre práticas e representações*. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1990.

FENELON, Déa Ribeiro. *Cidades: Pesquisa em História*. São Paulo: Olho D'água, 1999. pp.5-13.

IBANHES, Brigido. *Chão do Apa – contos e memórias da fronteira*. Dourados: Gráfica Rosário, 2010.

PALERMO, Z. De fronteras, travesías y otras liminalidades. In: *Elogio da lucidez*. COUTINHO, E. F., BEHAR, L. B., RODRIGUES, S. V. (Org.) Porto Alegre: UFRGS, 2004.

PESAVENTO, S. J. *Revista Anos 90*, Porto Alegre, n 04, dez. 1995. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6158/3652>. Acesso em: 04. Dez. 2015.

SAMUEL, Raphael. História local e história oral. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH, v. 9, n.º 19, pp. 219-243, set. 89/fev. 90

WHITE, H. As Ficções da Representação Factual. In: *Trópicos do Discurso – Ensaio sobre a Crítica da Cultura*. Trad. Alípio Correa de Franca Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.